

VISÃO DO CORREIO

Reflexões sobre o ato de adotar

É triste um país que tem uma fila com mais de 35 mil nomes interessados em adotar (adotantes) e cerca de 30 mil crianças em situação de acolhimento. Amanhã (25) é o Dia Nacional da Adoção, mas somente 4 mil bebês e crianças estão efetivamente aptos a ganhar uma família.

Além de uma infinidade de papéis que precisam ser preenchidos e uma série de etapas a serem cumpridas para que o processo seja definitivamente concluído, o sistema brasileiro lida com questões comportamentais que fogem ao seu controle. Embora o interesse de pessoas e famílias em adotar uma criança seja nítido, é visível também a incongruência entre as expectativas (exigências) dos candidatos a pais adotivos e o perfil das crianças.

De acordo com o Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA), mantido pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), a preferência por crianças brancas, com, no máximo, 3 anos de idade, que não tenham laços familiares anteriores conhecidos nem condições de saúde que necessitem de cuidados específicos, acaba se transformando em entrave para que os processos de adoção evoluam.

Aproximadamente 98% das famílias desejam adotar crianças perfeitamente saudáveis, diz o CNJ, o que reduz imensamente as chances de adoção para quem tem deficiência ou alguma necessidade específica, e aqui incluem-se aqueles com transtorno do espectro autista (TEA), cujo diagnóstico tem crescido bastante nos últimos anos.

Como resultado, o Brasil tem um número elevadíssimo de crianças e adolescentes ocupando instituições de acolhimento. Dados do CNJ mostram que cerca de 92% das crianças em busca de adoção têm mais de 6 anos de idade, e cerca de 48% do sistema é composto por adolescentes entre 12 e 17 anos.

Essas estatísticas corroboram a imagem de um Brasil preconceituoso, racista e pouco sensível à causa da adoção, mais especificamente à causa da adoção tardia. A verdade é que faltam campanhas de conscientização, numa tentativa de sensibilizar a sociedade sobre o tema.

Outra barreira que impede que esse processo funcione é a rejeição dos adotantes quanto a grupos de irmãos. O que costuma ocorrer é a adoção de brasileiros por estrangeiros, muitos deles afetados a não separar irmãos ou ainda simpáticos às histórias geralmente tristes de crianças e jovens com alguma deficiência.

Independentemente de raça, gênero, faixa etária ou desenvolvimento cognitivo, a adoção é um ato de amor, de generosidade e desejo. Ensinar à sociedade valores como inclusão, diversidade, igualdade e aceitação do que é diferente precisa ser um exercício diário e não somente debatido entre os agentes que vivenciam essa situação, mas também entre as pessoas que estão no ambiente escolar, as famílias e os entes políticos. Caso contrário, corremos o risco de transformar o ato de adotar em algo frio, mecânico, sem entusiasmo. Por isso, é preciso mudar. É preciso evoluir.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Incômodo silêncio

Um silêncio que incomoda os amantes da democracia. Está demorando muito para que seja mostrado aos brasileiros que condenam os horrores praticados pelos inconformados com a derrota nas eleições de outubro de 2022, os cabeças que desenharam a tentativa de golpe. Até agora, nenhum peixe grande sofreu sanções, somente bagrinhos. Será que vai ficar só nisso? Caso poupem de condenação as cabeças pensantes do abominável ato, estarão dando autorização para que, futuramente, venham coisas piores. Condenação neles. Eles continuam jogando pedra por aí.

» **Jeovah Ferreira**
Taquari

Santo do pau oco

Depois que o pai dele, um santo homem, foi considerado apóstolo do bem, pelo Supremo Tribunal Federal (STF), o telespectador penalizado com frequentes rosários de tolices, é obrigado a assistir ao filho, deputado federal, comunicando que José Dirceu não pensa em candidatar-se em 2026. Eu com isso? Desde já, o povo respira aliviado. De minha parte enfatizo que meu título de eleitor é do bem, de boa família.

» **Vicente Limongi Netto**
Lago Norte

Responsabilidade

Os noticiários da semana passada e os desta mostram que o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSDB), fora avisado da possibilidade de o estado ser vítima dos eventos climáticos extremos. A previsão teria sido bem clara. Ele mesmo reconheceu que foi alertado. Entre as dificuldades financeiras do estado e a vida dos gaúchos, ele preferiu cuidar do caixa do governo, e liberou as intervenções nas barreiras naturais de proteção da sociedade. Tão logo ocorreram os primeiros temporais e enchentes, o governador, diante da calamidade que avançava no estado, declarou que aquele não era momento para discutir responsabilidades. Obviamente, o cuidado com as vítimas se impunha como prioridade. Porém, não será correto descartar a apuração das responsabilidades dos que contribuíram para agravar os impactos do evento climático, autorizando e suprimindo barreiras naturais que mitigariam os danos causados pelos temporais. O governador Eduardo Leite deve à sociedade gaúcha explicações sobre a decisão de mudar a legislação ambiental, flexibilizando regras que levaram à debilidade de áreas então protegidas.

» **Herondina Soares**
Asa Norte

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

O ministro Alexandre de Moraes deixará o Tribunal Superior Eleitoral. Este brasileiro foi importantíssimo para nosso país, pois agiu rápido e corretamente para salvar nossa democracia. Seu legado não será esquecido, tenho certeza.

Clayton Braz de Medeiros — Brasília

Ibaneis terminará o mandato sem solucionar os problemas existentes na saúde, educação, transporte público e segurança.

Sebastião Machado Aragão — Asa Sul

Estacionamento pago a partir de 2025. O GDF informa que o novo helicóptero do governador será isento do pagamento da taxa.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Carla Zambelli quer a “suspeição” dos ministros do STF Cármen Lúcia e Alexandre de Moraes, que colocaram em dúvida a sua capacidade cognitiva. O que era discutível tornou-se certeza.

Joaquim Honório — Asa Sul

Indicadores são invioláveis, civil e penalmente, por quaisquer de suas opiniões, palavras e votos. E, agora, recentemente tivemos a benevolência do STF ao extinguir a pena do ex-ministro José Dirceu em uma condenação por corrupção passiva no âmbito da Operação Lava-Jato, bem como o ministro Dias Toffoli anulou todas as condenações da 13ª Vara Federal de Curitiba contra Marcelo Odebrecht. O sério perigo, que hoje paira sobre os magistrados brasileiros, é a excessiva politização ou, pior, sua clara partidarização. Estamos acostumados a pensar que os juízes do STF são pessoas ilibadas, de passado sem jaça, cuja retidão incontaminável é a fiadora da nossa confiança. Mas como são elevados à mais alta Corte do país pela preferência do presidente da República, ou partidos que o apoiam, ou pela pressão de grupos, sempre poderemos encontrar, entre eles, aqueles cuja tibieza de caráter os levará a ocupar-se de satisfazer interesses dos seus patrocinadores, ou interesses outros que não o da Justiça. É a situação com que temos nos deparado ultimamente naquela Suprema Corte.

» **Renato Mendes Prestes**
Águas Claras



PALOMA OLIVETO
paloma.oliveto@cbnet.com.br

Analfabetos de mídia

Sete por cento da população brasileira é incapaz de ler um bilhete simples, diz o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). É um contingente de 11,4 milhões de pessoas, mais concentradas na faixa acima de 65 anos, embora esse seja, também, o grupo etário em que o analfabetismo mais caiu em relação a 2010. De forma geral, o Censo mostra uma redução da desigualdade no acesso à educação, com maior avanço na taxa de alfabetização entre os estados que registram o menor percentual de letrados.

Nos anos 1940, quando o IBGE começou a avaliar esse quesito, 56% de brasileiros não podiam diferenciar um A de um B. Naquela mesma época, entrava para a Universidade Federal de Pernambuco o recifense Paulo Freire, que, depois, deixou o direito para se dedicar à filosofia da linguagem. Mais tarde, o educador, que enxergava no analfabetismo um instrumento de controle social, escreveria: “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”.

Com 93% de alfabetizados, o Brasil, porém, enfrenta outro tipo de analfabetismo: o midiático. Trata-se de pessoas que sabem ler e escrever, mas são incapazes de compreender, criticamente, a mensagem recebida. Absorvem, sem questionar, a informação que chega a elas: se alguém do grupo do WhatsApp publica um vídeo de um suposto avião de Israel levando ajuda ao Rio Grande do Sul, acreditarão e passarão adiante. Não adianta provar que é uma imagem antiga, da época da tragédia em Brumadinho (MG). “Se está no zap, pode confiar.”

Valem-se desses analfabetos — muitos dos quais com ensino superior — os fabricantes de notícias falsas. Tal como se fazia na década de 1940, grupos com interesses político-partidários aproveitam-se da falta de letramento para jogar a população no obscurantismo intelectual.

É até aceitável pensar que os crédulos em

disparates como a existência de um chip na vacina da covid para controle do cidadão são vítimas da própria ingenuidade. Bandidos, porém, e não tem outra palavra para nomeá-los, são os que aproveitam o analfabetismo midiático para formar uma nação de mentirosos — um exército de enganados e enganadores, que parecem consumir avidamente esse tipo de conteúdo, cabendo aos cientistas sociais estudarem o fenômeno.

O filósofo texano Douglas Kellner, que se dedica aos estudos da cultura da mídia, termo que cunhou ainda na era pré-internet, é um árduo defensor da alfabetização informacional nos bancos escolares. Na década de 1990, ele publicou uma obra fundamental sobre o tema, com uma abordagem atraente, voltada a qualquer leitor, mesmo fora dos círculos acadêmicos: a análise da mensagem de filmes populares na época, como *Rambo* e *O Exorcista*.

Em *A Cultura da Mídia*, Kellner argumenta que, enquanto *Rambo* é usado para fortalecer o discurso anticomunista (o personagem é veterano da Guerra do Vietnã, que os Estados Unidos perderam), o segundo é um instrumento de catarse de um dos maiores medos do norte-americano: o outro. Em uma época de aumento na imigração, muitos enxergavam (e continuam enxergando) o estrangeiro como uma ameaça, um intruso que, como o demônio, tentava se incorporar à cultura do país, precisando de uma figura respeitável (no caso, o padre), para exorcizá-lo.

Nesse sentido, o Brasil tem sido um verdadeiro filme de terror, com os aproveitadores do analfabetismo informacional criando demônios em massa. O letramento midiático é urgente para combatê-los e, como defende Kellner, é uma disciplina digna dos currículos escolares. Provavelmente, será mais difícil do que ensinar a juntar b com a. Mas a educação é uma esperança. Como disse Freire, “nenhum homem se liberta sozinho”.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA
Localidade SEG/SÁB DOM

DF/GO R\$ 4,00 R\$ 6,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8945 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anúncio
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS*
SEG a DOM

R\$ 899,88

360 EDIÇÕES
(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE - Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFE Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131



DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br